

João Pessoa - Número Cinco - Março de 2004

O Culto ao Corpo e a Busca da Eterna Juventude

Fabiana Maria Gama Pereira*

Este artigo é fruto de uma reflexão realizada durante o mestrado acerca das representações do corpo feminino em um grupo de 15 mulheres de camadas média alta da cidade de Recife. O objetivo desta descrição é analisar o quanto a busca da beleza e da jovialidade tem se tornado uma obsessão e permeado o imaginário de algumas mulheres na contemporaneidade.

Em diferentes épocas e culturas o ser humano chamou a atenção de estudiosos pela sua vaidade. A representação estética ocidental do corpo constituiu-se objeto de interesse, sobretudo porque as formas, signos e representações da imagem humana variam de acordo com os padrões estéticos socialmente aceitos em diferentes contextos culturais.

Com efeito, o corpo humano, em geral, tornou-se objeto e tema particularmente atraente e propício a diferentes tipos de abordagens. Mais recentemente, tanto a História quanto a Antropologia têm investigado a temática, no entanto foi com esta última que o estudo do corpo encontrou um campo privilegiado, na medida em que se constitui o elemento principal da representação da identidade do indivíduo.

Visto sob uma perspectiva diacrônica, a relação do ser humano com seu físico foi sendo manifestada sob diversas formas e, aos poucos, se modificando com o passar dos tempos. Desde os primeiros ensaios antropológicos as técnicas corporais seriam vistas como um ponto de distinção entre os povos, evidenciando-se pelas diferenças físicas corporais e por seus respectivos usos e costumes em relação ao modelo da cultura ocidental.

As mudanças sociais foram de fundamental importância neste processo transformador. O sociólogo José C. Rodrigues chamou a atenção para a significação que a imagem corporal possuía nas sociedades medievais, significação essa deveras diferente da concepção atual.

A Ciência Antropológica se encarregou de operar um descentramento significativo na imagem ocidentalizada da mulher, na medida em que soube concentrar seus interesses nas diferentes formas de representações. Conforme sugerem diferentes etnografias clássicas, o uso do corpo feminino adquire significados particulares, tanto no plano social, econômico e biológico, quanto no estético-cultural.

A imagem corporal é um signo que cada ser humano carrega consigo. No corpo encontram-se implícitos diversos valores e significados moldados pelo contexto sócio-cultural ao qual o indivíduo pertence. Conforme enfatizou Marcel Mauss (1974), no corpo se encontram impressos diferentes significações sociais, constituindo um importante veículo cultural de comunicação.

Neste sentido, cada indivíduo carrega consigo sua cultura a qual costuma exprimir-se através das diversas formas de comportamento que ele utiliza: o andar, o comer, o beber, as posições sexuais, sinalizam modos de expressão do contexto ao qual a pessoa pertence. O homem deve ser visto enquanto "Ser total", dentro de um tríplice viés, ou seja, bio-psico-social, sendo exatamente isto que o diferencia do animal .

Até bem pouco tempo as ciências médicas foram as principais responsáveis pelas pesquisas e estudos relacionados ao corpo humano, tratando-o através de uma perspectiva biológica, isto é, do "corpo máquina", concentrando o foco de interesse na saúde e suas conseqüências orgânicas.

Só recentemente começaram a surgir os primeiros trabalhos sobre essa temática a partir de uma perspectiva humanística e social, relegando a um segundo plano a "onipotência" do discurso médico, que até então orientava essencialmente o referido assunto.

Nesta perspectiva é absolutamente importante a idéia de relativismo da imagem corporal, pois aquilo que parece sexualmente estimulante em uma determinada sociedade pode exercer o efeito contrário em outra. Como bem observou José Carlos Rodrigues, em *O Tabu do Corpo* (1983) há na África Central um ideal de estética feminina que identifica a beleza com a obesidade, sendo a moça, na época de sua puberdade, submetida às mais diferentes técnicas, capazes de fazê-la engordar.

O ideal estético baseado nas formas corpulentas também serviu como modelo para a pintura barroca e renascentista. O seu oposto parece impregnar a estética do último quartel do século passado em que predominou sobretudo um padrão de beleza baseado nas formas longilíneas do corpo humano.

Embora sofrendo mutações diversas ao longo do tempo, o culto ao corpo, e particularmente ao corpo feminino, continua ainda hoje a exercer um forte fascínio na cultura ocidental contemporânea. Neste sentido, as suas representações, passaram cada vez mais a constituir um elevado bem de valor no mercado especializado, que inclui todo tipo de serviço voltado para o embelezamento corporal.

É importante observar que na sociedade brasileira, imagens femininas têm adquirido dimensões extremamente fetichizadas: as suas simbolizações não mais correspondem aos velhos clichês românticos do passado. Atualmente, cada vez mais, se encontram orientadas por padrões socialmente impostos através de uma "tirania estética" fornecida pelos multimeios, que impõem e exigem cuidados exagerados com a aparência.

Foi então a partir dessas constatações que procurei situar o campo de minha pesquisa. O ponto de partida, isto é, aquilo que realmente motivou-me desde os primeiros momentos a levar adiante a investigação, era entender: **o que levava a algumas dessas mulheres a ceder tão facilmente às tentações do mercado de consumo estético, a ponto de dedicar todo o seu tempo livre ao culto do corpo? O que realmente fazia de algumas delas verdadeiras dependentes do "ópio especular" de sua própria imagem?**

Para tal fim, procurei selecionar um grupo de 15 mulheres, de perfil etário diversificado, pertencentes à classe média alta do Recife. O critério mais importante para seleção dessas mulheres foi o conjunto de valores por elas compartilhados e cultuados:

1. Consumo de todo tipo de produto que visa o embelezamento do corpo;

2. Vínculo com Academias, SPAS e Clínicas de Rejuvenescimento;

3. Intervenção no corpo, que vai desde uma cirurgia plástica, lipoaspiração até uma descamação epidérmica.

Para mim, outro dado importante, que pude observar, foi o de que essas mulheres concentravam no corpo muita atenção enfocando-o como o principal objeto de suas vidas, e além disso este cuidado exacerbado com as suas imagens remetia sempre a busca da "eterna juventude".

Para que a pesquisa fosse efetivada, senti a necessidade de definir um campo empírico significativo que pudesse encontrar essas mulheres e que fosse viabilizada as condições necessárias. Deste modo, acabei fazendo opção pelas academias de ginástica, pois para aqueles locais convergiam o tipo de mulher que eu julgava pertinente para este estudo. Além disso, o espaço em questão constituiu o melhor exemplo daquilo que denominei *Templo da Beleza*, talvez por ser um lugar que, como nenhum outro, sintetize o conjunto de valores próprios a uma estética de consumo do corpo.

Muita coisa falta para ser estudada sobre pessoas que consomem excessivamente e possuem um estilo de vida bastante peculiar. Foi o que tentei realizar: uma incursão etnográfica e subjetiva no cotidiano de algumas dessas mulheres: para uns, consideradas frívolas, para outros, excessivamente narcisistas. Para tanto, foi preciso então freqüentar regularmente diferentes modalidades de sessões de uma academia, ora como uma etnógrafa, ora como uma cliente em busca de serviços estéticos especializados. Foi através dessas estratégias metodológicas, que acabei freqüentando um SPA e diferentes clínicas de rejuvenescimentos.

O corpo da contemporaneidade hoje, ao que parece, está se banalizando, sendo algo que certamente vem modificando a maneira de pensar os seus impasses, simbolismos e representações. Alvo de olhares, ele passou a ser altamente investido, transformado, modificado.

As pessoas com quem tive contato se colocam muitas vezes nas mãos dos médicos, representados por elas como verdadeiros "Deuses" ou "profetas", que têm o poder de reparar desde um simples traço através de uma pequena cirurgia plástica, até chegar ao ponto de reduzir um

estômago, fazendo com que o indivíduo emagreça “magicamente” mesmo pondo em risco a sua própria vida. Ou, por outro lado, adiar a morte do paciente, dando-lhe artificialmente um tipo de sobrevida.

Desta maneira, alguns autores argumentam a propósito do fato de que na era da globalização os efeitos da ciência e da biotecnologia foram responsáveis por transformações radicais, nas quais novos procedimentos são implementados, prometendo a “saúde perfeita” e a longevidade do corpo.

Há uma crítica sob essa nova forma de representação da imagem humana, que deixou de ser vista enquanto resultante de efeitos sócio-culturais para se homogeneizar. Assim, as antigas maneiras de pensar o corpo e seus impasses não respondem mais às novas demandas da sociedade contemporânea.

Negar o corpo que envelhece e que freqüentemente é associado à degradação e à morte assume para muitas mulheres um dos principais objetivos de vida. Para isso, algumas delas lançam mão de diferentes tipos de recursos para que possam se aproximar de um padrão estético de jovialidade que a sociedade impõe, tendo tal comportamento se tornado uma espécie de obsessão generalizada nas diferentes sociedades contemporâneas ocidentais.

Por volta de 1980, a busca da beleza estava diretamente atrelada a uma categoria de “status”, isto é, o corpo feminino foi ‘redescoberto’ após uma era de puritanismo, em que as pessoas que se dedicavam ao corpo tinham um baixo reconhecimento social, sendo elas geralmente associadas a prostitutas ou pessoas anônimas. A presença massiva do corpo na publicidade, na moda e na cultura das massas, testemunha hoje sua banalização e fetiche.

Pode-se falar atualmente no poder presente na imagem estética que é vista, olhada e conseqüentemente avaliada de acordo com os padrões consagrados pela maioria. O fato de não poder corresponder a uma imagem corporal “padrão” gera para algumas mulheres desconfortos de diversas ordens. Entre eles, as sanções sociais que são vistos como “descuido” ou “desleixo”.

Portanto, malhar, correr, se depilar, espichar a pele, entre outras coisas, passaram a ser nos dias atuais, técnicas estéticas possuidoras de significados sociais importantes, pois constituem signos de diferenciação e de status presentes em diferentes contextos.

Como já observou Pierre Bourdieu, é prática corrente que os indivíduos se identifiquem com os seus grupos de referência, os quais se compõem normalmente de pessoas com o mesmo nível sócio-econômico. Uma das maneiras de arranjos desses grupos é a identificação que cada membro faz com os outros, sendo uma dessas formas de contato estabelecida pela aparência que a pessoa possui. Neste sentido, é muito habitual perceber tal comportamento em determinados locais e eventos, onde indivíduos compartilham de um tipo de imagem padronizada.

Durante a pesquisa que realizei pude nitidamente constatar que o visual da moda é muito valorizado. Algumas práticas corporais assumem a dimensão de verdadeiros ritos profanos, exprimindo-se através de ações seqüenciais, papéis teatrais, valores e afinidades que são comunicados por sistemas codificados. Entre elas destacam-se algumas ritualizações das modalidades corporais, como a maquiagem, o vestir, o penteado e o corte de cabelo, entre outras práticas de preparação e de exibição, que são etapas reguladas pelo mercado de consumo de produtos estéticos.

Ora, como se sabe, existe todo um significado social associado ou inscrito no vestuário, nos cabelos, na maquiagem, enfim em tudo o que o indivíduo carrega consigo em sua imagem, que contribui para a inscrição social numa determinada cultura.

Os chamados "ritos de preparação" são portanto momentos nos quais os indivíduos se compõem para desempenharem um determinado papel em algum espaço social. Isto se reflete através da inscrição da roupa, da maquiagem, do penteado, pois são elementos que se associam ao embelezamento.

O indivíduo vai assim procurando modificar sua aparência temporariamente, tendo com isto alguma finalidade específica, como estar bonito e sedutor, mesmo que para isso

seja depreendido gastos financeiros consideráveis como bem assinalaram algumas das interlocutoras.

O mercado de consumo estético tem gerado uma significativa preocupação da mulher com a sua imagem; um verdadeiro investimento de si mesmo, uma auto-observação estética que instiga, ao mesmo tempo, o prazer de ver e de ser vista, de exhibir-se ao olhar do outro e do mundo.

A moda se oferece, nesse sentido, como um vetor perfeito para aquele que deseja a diferença e o inédito na instância da aparência, marcando, assim, uma aparição individual própria, personalizada, ainda que circunscrita numa familiaridade, na medida em que a moda ao mesmo tempo em que deixa lugar para a manifestação de um gosto pessoal, impõe de algum modo, uma regra comum a todos.

Outro importante objeto de consumo do mercado estético são os manuais de etiquetas. Eles se propõem a ensinar como o indivíduo deve se apresentar em público, saber se vestir, fazer as combinações que acima de tudo são considerados a marca de distinção indispensável para aqueles que se identificam com certos signos de status.

Neste sentido, Norbert Elias (1994) chama a atenção para o aparecimento de determinadas condutas humanas, assim como o desaparecimento de outras, que vão se classificar de acordo com as regras impostas por cada grupo, confirmando assim as relações entre as pessoas. Condição de fundamental importância para que estrutura social se perpetue. Neste caso, a cultura intervém a todo o momento sobre a natureza, domesticando e modelando os instintos do homem através de regras, que entre elas estão as de etiqueta.

Partindo de uma outra perspectiva de análise, Pierre Bourdieu no conhecido livro *La Distinction. Critique sociale du jugement*, procura analisar com muita argúcia padrões de gostos de uma classe social privilegiada e estilos de vida, enfim, chamando a atenção para a importância da apropriação e incorporação de determinados signos distintivos como marca do reconhecimento e prestígio social.

Os cursos de etiqueta se propõem a fornecer os princípios básicos das "boas regras" para sociabilidade e performance

dos indivíduos. Em geral, o público alvo é constituído de pessoas de classe média alta, as quais procuram exercitar de forma refinada modos e maneiras como marca de distinção.

O bom desempenho em relação aos códigos e regras é condição básica para o reconhecimento social, como costumam referir algumas das mulheres pesquisadas: *"(...) embora tivesse tido uma educação bastante refinada, pois minha mãe era bastante exigente com mínimos detalhes do vestir, da mesa, do hábitos em geral, procurei um curso pois senti necessidade de me atualizar com determinados códigos de se comportar em público, inclusive com a postura corporal"*.

É comum também se encontrar em revistas depoimentos de consultora de modas opinando sobre as maneiras como se comportar em diversos ambientes públicos e privados e no cotidiano, isto é, como atender ao telefone, escovar os dentes, cortar o pão, levar a xícara de café à boca, sentar-se, levantar-se, pegar a sacola de cima do sofá, enfim, todos os gestos mais prosaicos, o mais cuidadosamente possível.

Os códigos de etiqueta são cultuados e valorizados por uma camada social economicamente privilegiada que pretende firmar sua diferença em relação à maioria da população. Quando procurei algumas das mulheres com quem realizei a pesquisa, algumas vezes tive a impressão de que sempre havia uma preocupação exagerada por parte delas em relação ao que eu iria perguntar e como eu iria perceber-las.

Sempre estavam impecavelmente bem vestidas como se esperassem uma visita importante. Em ocasiões diferentes, alguma delas transmitiam uma gestualidade artificial, cuidadosamente teatralizada, guiadas sempre pelo cuidado de manipular alguns códigos de distinção de classe, fazendo-as se portarem comedidamente com as mãos, com o sentar e o cruzar das pernas, etc.

Diante dessas indagações percebe-se que há um tipo de padrão homogêneo que circula nos meios de comunicação de massa como revistas e multimeios em geral. Tais veículos levam às pessoas informações sobre o que devem vestir, como se pentear, qual o perfume adequado, enfim como

dever ser. Modelos estereotipados circulam em páginas de jornais, telenovelas, programas de tv e filmes servindo como importantes referências para estas mulheres que vislumbram alcançar aquelas qualidades físicas.

Observar uma revista de moda, por exemplo, é uma tarefa bastante difícil, na medida em que as pessoas que posam para as fotos sempre estão "impecáveis", do ponto de vista estético, como se ali o tempo congelasse a imagem. Veículo publicitário "poderoso", instrumento de certa forma ambíguo, capaz de proporcionar ao mesmo tempo lazer, prazer e ansiedade. As mensagens trazem implicitamente a idéia da "meritocracia", com conselhos e "fórmulas mágicas":

Tenha o corpo que merece! Não se tem um corpo maravilhoso sem esforço! Tire o melhor partido dos seus atributos naturais. Dessa maneira cada um sente a dura responsabilidade, extremamente individualista, pela forma do corpo e pelo seu envelhecimento: **Você pode moldar totalmente seu corpo! Suas rugas estão agora sob o seu controle.**

O poder de sedução das mensagens que são veiculadas é imenso. Geralmente agregada a elas vem alguma foto que ilustra a "magia" do anúncio. As fotografias são retocadas quantas vezes forem necessárias, até que a imagem fique "perfeita", como comentou N. Woolf: *"Nos nossos dias, os leitores não fazem idéia da verdadeira aparência de um rosto de uma mulher de 60 anos na imprensa porque ele é retocado para aparentar 45"*.

Os modelos que posam para os anúncios são, na sua grande maioria, jovens magérrimas de cor clara. É raro se encontrar modelos negros, assim como pessoas mais velhas ou até de meia idade que, quando aparecem, geralmente é para algum anúncio de creme contra envelhecimento. A mesma rejeição se aplica a pessoas gordas, a menos quando estas são veiculadas em publicidade de produtos dietéticos.

Ainda que algumas das mulheres pesquisadas reajam de forma crítica em relação à "tirania estética" imposta pelo mercado, contudo, não deixam de se seduzirem pela força da mídia em relação ao apelo do corpo sempre esbelto e jovem. Em nenhum momento observei algum tipo de preocupação que sugerisse questionar a adesão e a aceitação pacífica de uma imposição estético-corporal dessa natureza.

Antes de demonstrarem qualquer tipo de interesse sobre questões introspectivas e existenciais, ou ainda no âmbito da realização profissional, a aparência lhes vinham como o mais significativo de suas vidas. Neste sentido, o corpo é representado com o "cartão de visita" ou o "cartão de crédito" conforme chegou a verbalizar uma delas. É a boa impressão da imagem que deve prevalecer acima de qualquer outro atributo valorativo, inclusive a inteligência.

Diante desta nova demanda tecnologizante existe também toda uma estratégia de marketing em torno dos padrões de beleza e auto-estima que se confundem cada vez mais com a saúde e a magreza. Observa-se que nas peças publicitárias o uso freqüente de imagens que supervalorizam a magreza enquanto condição *sine qua non* de beleza, elegância, como marcas da juventude.

Deste modo, o corpo se torna um objeto extremamente ameaçador que é preciso vigiá-lo a todo momento, principalmente numa "sociedade de abundância". A beleza tem seu preço, que muitas vezes pode incidir em estados patológicos. Esse

ideal estético é visto por Baudrillard como uma nova forma de violência e de sacrifício para com o próprio corpo.

Nas entrevistas e observações realizadas ao longo do trabalho de campo, me deparei freqüentemente com tais oposições. Algumas das mulheres como quem convivi, lutavam contra a gordura e ao mesmo tempo se deixavam tentar pela sedução do consumo gastronômico, gerando a ambivalência entre manter a "boa forma" e o "prazer da boca".

Diante disto, atualmente é cada vez maior o número de pessoas de poder aquisitivo elevado, que procuram serviços especializados no trato e cuidados com a aparência corporal, com o objetivo de atingir estes padrões veiculados na mídia. São inúmeros os locais destinados a estas práticas de forma que a estética passou, para certas mulheres, a se constituir mais um hábito ou estilo de vida do que propriamente uma eventual necessidade. Os preços dos serviços oferecidos são ditos "acessíveis", porém na prática, percebe-se que são exclusivos a uma minoria que dispõe de recursos financeiros.

Durante o trabalho de campo me defrontei com assuntos tabus, polêmicos, que outrora talvez nem sequer fossem tocados por não fazerem parte do mundo de desejos, fantasias e expectativas das mulheres. Como por exemplo: o fato de alguma delas possuírem uma aparência considerada "bonita" e "saudável" passar a ser sinônimo de remexer, modelar ou remodelar partes do corpo, independentemente de qualquer sacrifício.

Como se pode perceber, um corpo novo e perfeito é prometido não havendo limites para as mudanças. Os dados apontam para um número cada vez maior de pessoas que se submetem a procedimentos cirúrgicos de natureza estética, comprovando a existência de uma intensa insatisfação diante das características físicas naturais e uma busca acirrada por artificialismos exagerados.

Algumas interlocutoras se mostraram favoráveis quanto ao uso de técnicas estéticas, de forma que para elas mexer ou remodelar o corpo tinha uma conotação positiva, implicando muitas vezes em busca de realização, sucesso e felicidade, justificando portanto a importância concedida à aparência.

Remodelam o corpo, muitas vezes, por uma "bobagem", com medo de chegar a um corpo socialmente não desejável, principalmente no que se refere à velhice. O medo das rugas, os famosos "pés de galinhas", flacidez ou coisas dessa natureza implicavam para o grupo algo de uma ordem caótica merecedora de reparo a qualquer preço!

Foi a partir desse universo de valores voltados para o físico, isto é, a aparência, que pude efetivamente perceber o quanto o imaginário das mulheres com as quais tive contato se exprime por meio de uma ótica narcisista, que retrata não só o espírito do grupo estudado mas também por um grande percentual de pessoas de classe média alta em diferentes capitais brasileiras, cuja principal preocupação é tornar o corpo um objeto de consumo a ser explorado pelo mercado estético.

A obsessão pela forma, pela "eterna jovialidade" faz do corpo hoje uma espécie objeto que a medicina, a biologia e, sem dúvida, a indústria têm investido maciçamente. Definido como uma máquina, se dissocia da condição humana, pois enquanto tal escapa do envelhecimento, da fragilidade e da morte, seus principais

inimigos. Porém, diante da máquina, o homem não é mais do que fraqueza, fraqueza esta que a criatura tenta se livrar a qualquer preço!

Vive-se numa sociedade em que uns se sentem condenados a passar a vida toda lutando contra o excesso de gordura e celulite, enquanto outros empenham-se em arranjar um emprego digno, para ter onde morar e o que se alimentar. O corpo da forma como vem sendo concebido, é um objeto de produção e de consumo.

A imagem especular e ameaçadora de uma "outra", "mais jovem e mais bela", constitui também a tônica recorrente presente nas falas das mulheres que convivi. Vale salientar que tomo o espelho como metáfora de um olhar imaginário que faz com que essas mulheres se reconheçam tanto como objeto de desejo quanto de aprisionamento.

O narcisismo do corpo constituiu o liame comum, portanto mais forte e presente, compartilhado pelo grupo de mulheres freqüentadoras de Academias, Clínicas e SPAS. Com efeito, durante minhas observações etnográficas, realizadas nesses locais, uma das mais fortes imagens foi a de associar aqueles espaços, sobretudo o da Academia e o SPA, a um locus de "prisioneiros", guiados, sempre pela preocupação de um olhar regulador e exterior, isto é, a pressão da sociedade em relação aos padrões culturalmente impostos.

Percebi também que a própria Academia, concebida inicialmente como um espaço destinado a exercitar o corpo de forma mais saudável, está cada vez mais perdendo a sua função originária, para se tornar um mero locus de exibição estética, a tal ponto que algumas mulheres gordas que procuram tal empreendimento se sentem envergonhadas e constrangidas de iniciarem os exercícios exigidos, devido ao estado de deformação do corpo e do grau de controle e de "censura" que contamina os olhares dos freqüentadores.

Outro detalhe, de extrema importância, é a quantidade de espelhos que foram de cima a baixo, as paredes de todos os compartimentos destes "Templos". Durante algumas sessões observei o deleite de muitas mulheres ao se verem refletidas naquelas superfícies de vidro e aço. Observei também que isso acontecia com maior intensidade, quando algumas delas possuíam qualidades físicas apreciáveis.

As mulheres se projetam em outras "mais belas" e, por conseguinte, tomam aquelas consideradas "feias" e "desajeitadas" como referencial negativo. Geralmente a oposição entre feia/bela, magra/gorda, alta/baixa, bem feita/mau feita, arrumada/desajeitada estrutura e orienta o tipo de juízo de valores dessas pessoas. Neste sentido, o estigma se constitui como um traço que o indivíduo possui e que, durante as relações sociais cotidianas, afastam as pessoas, constituindo a marca que determina a visualização negativa do indivíduo.

Como bem observou Mary Douglas, no livro *Pureza e Perigo*, algumas sociedades são organizadas através da dicotomia pureza x poluição. A noção de poluição (sujeira) seria análoga a uma visão de desordem ou anomia social. Com efeito, separar, punir, purificar são ações sistematizadoras da experiência social. É através da separação que a ordem é estabelecida. Segundo a autora, a ambigüidade

representando um estado de transição (aquilo que Victor Turner denomina como liminaridade) representa um estado de ameaça e perigo como ocorre em algumas culturas em relação à menstruação feminina, à gravidez, etc.

Em nossa sociedade, o perigo do estado de transição (ou liminaridade) diz respeito ao estigma imposto pelos membros do grupo ao qual o indivíduo pertence. No caso aqui analisado, o estigma refere-se ao corpo feminino, que não corresponde aos atributos exigidos pela maioria, isto é, o corpo gordo, truculento, que opera repúdio no olhar do outro.

Por esta razão, grande é o número de mulheres que não só procuram serviços especializados da estética corporal como também terapias com o intuito de conviverem com o fantasma de um corpo inatingível. Aliás, esse foi um dos elementos reveladores desta pesquisa.

O estado de transição ou de liminaridade é bastante significativo na faixa etária de mulheres de 40 a 50 anos. Sobretudo no início dos cinquenta, quando, segundo elas, começam a surgir os primeiros indícios do envelhecimento corporal ou, como muitas mulheres que referem: "*o corpo começa a se tornar indesejável*". É a partir desse momento que o mascaramento estético-corporal começa a se tornar mais intenso e obsessivo, com a opção de intervenções radicais, seja no âmbito da cirurgia plástica facial, seja no da lipoaspiração.

Outra estratégia por mim utilizada foi a comparação de fotos antigas em que essas mulheres pudessem se reconhecer. O resultado, um pouco como no livro de Oscar Wilde, *O Retrato de Dorian Gray*, foi o de evitar perceber o tempo passar no próprio corpo. Os retratos representavam para essas mulheres uma espécie de reafirmação atualizada do frescor ainda juvenil, no qual elas próprias se auto-reconheciam. Com exceção, é claro, de alguns casos em que identificavam detalhes inevitáveis, tais com o peso a mais, as rugas, etc, Todavia, relativizando de acordo com a cronologia das fotos.

Finalmente, retomo aqui a indagação que me motivou a realizar esta pesquisa: **O que realmente faz de algumas dessas mulheres verdadeiras dependentes e prisioneiras do "ópio especular", de sua própria imagem, sempre através do olhar vigilante de um Outro?**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

_____. *A Ilusão Vital*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001.

BOURDIEU, P. *La Distinction. Critique Sociale du Jugement*. Paris, Minuit, 1982.

CLARK, A. *The Nude: A Study of Ideal Art*. London: John Murray, 1956.

DOUGLAS, M. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

HERTZ, Robert. *Sociologie Religieuse et Folklore*. Paris: PUF, 1970.

LE BRETON, D. *Anthopologie du Corps et Modernité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

_____. *Des Visages. Essai D'Anthropologie*. Paris: A. M. Métaillié, 1992.

_____. *Corps et Sociétés. Essais de Sociologie et D'Anthropologie du Corps*. Paris: Méridiens – Klincksieck, 1985.

_____. *La Sociologie du Corps*. Paris: PUF, 1991.

_____. *La Chair à Vif. Usages Médicaux et Mondains du Corps Humain*. Paris: Métaillié, 1993.

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*: São Paulo: EDUSP, 1974.

NORBERT, Elias. *O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes*. Vol. I, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

PICARD, D. *Du Code au Désir. Le Corps dans la Relation Sociale*. Paris: Dunod, 1983.

PERROT, D. *La Maquillage, Une Inscription Corporelle Moderne*. Paris: DEA, Paris V, 1985.

PACKARD, V. *L'Homme Remodelé*. Paris: Calmann-Lévy, 1978.

RODRIGUES, José Carlos. *O Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

RIVIÈRE, C. *Les Rites Profanes*. Paris: PUF, 1995.

SFEZ, Lucien. *A Saúde Perfeita: Crítica de uma Nova Utopia*. São Paulo: Loyola, 1996.

TURNER, V. *O Processo Ritual*. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

WOLF, Naomi. *O Mito da Beleza. Como as Imagens de Beleza são Usadas Contra as Mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

Fabiana Maria Gama Pereira é psicóloga clínica, mestre e doutoranda em Antropologia pela UFPE.

A esse respeito ver: José C. Rodrigues, "O Corpo na História", Rio de Janeiro, Fiocruz, 1999.

Dentre os vários trabalhos, destacam-se os de David Le Breton: "Corps et Sociétés. Essais de Sociologie et D'Anthropologie du Corps", Paris, Méridiens-Klincksieck, 1995; "La Sociologie du Corps", Paris, PUF, 1991; "Des Visages. Essai D'Anthropologie", Paris, Métailié, 1992; "La Chair à Vif. Usages Médicaux et Mondains du Corps Humain", Paris, Métailié, 1993.

Ver: Marcel MAUSS, *As Técnicas Corporais*, in "Sociologia e Antropologia", São Paulo, EDUSP, 1974, pp. 209-233. Outro estudo também pioneiro é o de Robert Hertz, intitulado *La Prééminence de la Main Droite*. Segundo as suas observações, a predominância de uma das mãos é algo que tem relação com a forma com que a sociedade impõe suas regras. Sabe-se que alguns valores são atribuídos à direita e à esquerda. A direita correspondem os estímulos intelectuais, o bom senso, o caráter, a moral. Já com relação a outra, é exatamente o contrário, como: erro, esquisitice. Segundo as observações de Hertz, as pessoas, quando treinadas, as mãos tinham o mesmo rendimento, ou quando acontece um acidente com uma das mãos, a outra aprende a substituí-la muito bem.

Ver: CLARK, A. "The Nude: A Study of Ideal Art", London, John Murray, 1956.

Ver: Jean Baudrillard, "A Sociedade de Consumo", Lisboa, Edições 70, 1995.

Ver: V. Packard, "L'Homme Remodelé", Paris, Calmann-Lévy, 1978, pp. 283.

Ver: Lucien Sfez, "A Saúde Perfeita: Crítica de uma Nova Utopia". São Paulo: Loyola, 1996.

Ibidem, 1992.

Ver: Pierre Bourdieu, "La Distinction. Critique Sociale du Jugement", Paris, Minuit, 1982.

Ver: D. Picard, "Du Code au Désir. Le Corps dans La Relation Sociale", Paris, Dunod, 1983.

Ver: D. Perrot, "La Maquillage, Une Inscription Corporelle Moderne", DEA, Paris V, 1995.

Ver: Claude Rivière, "Les Rites Profanes", Paris, PUF, 1995.

Ver: Nobeit Elias, "O Processo Civilizador", Vol. I, Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

Tais cursos são também bastante utilizados por um público oriundo de camada média, como estratégia de assimilação de regras e de códigos de status para mobilidade social. É o que comprova o grande número de publicações sobre o assunto.

Ver: Naomi Wolf, "O Mito da Beleza", Rio de Janeiro, Rocco, 1992, pp.108.

Segundo Wolf (1992), o peso das modelos de moda desceu para 23% abaixo do peso das mulheres normais.

Alguns autores falam que há por trás da magreza vários significados simbólicos, como a reconstrução do papel da mulher no mundo, onde a magreza funciona como a afirmação do seu lugar na esfera pública e superação da domesticidade. Além disso, o medo de engordar é, para este autor, mais um controle social exercido na figura da mulher numa cultura predominantemente dominada pelo patriarcado.

Uma reportagem da Revista Veja (17/12/97. pp. 16) traz: "(...) A universidade de Harvard tem identificado um aumento do casos de anorexia, doença discriminada por especialistas como aquela em que a pessoa pára de comer por se achar gorda demais, além de outra patologia, a bulimia, que é conceituada como um apetite insaciável que faz a pessoa comer demasiadamente e repetidamente. Essa insatisfação com o corpo leva a iniciativas drásticas como as mais variadas dietas, o consumo de medicamentos e álcool. É importante destacar que estes distúrbios são bem maiores em mulheres, sendo apenas 5 a 10 % em homens".

A esse respeito vê: Jean Baudrillard, "A Sociedade de Consumo", Portugal, Edições 70, 1995.

Segundo uma reportagem exibida no Diário de Pernambuco no dia 29 de Julho de 2001, os homens também estão em busca de remodelarem os seus corpos, o que tem aumentado consideravelmente a demanda de cirurgias estéticas por parte do sexo masculino.

Ver: Mary Douglas, "Pureza e Perigo", São Paulo, Perspectiva, 1976.

Ver: Victor Turner, "O Processo Ritual", Rio de Janeiro, Vozes, 1974.